

A COMPLEXIDADE DOS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CONTEXTO DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Jaluza de Souza Duarte¹; Marcos Alexandre Alves²; Greice Scremin³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um recorte da evolução das concepções da educação inclusiva, analisando esse processo diante das mudanças sociais ocorridas na passagem de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida, tendo como aporte teórico Zigmunt Bauman. Apresenta também, uma breve reflexão sobre as práticas pedagógicas nesse contexto e a necessidade de analisarmos esses processos na sua complexidade de relações, tendo como suporte para essa reflexão Edgar Morin.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Sociedade Líquida, Pensamento Complexo.

Eixo Temático: Educação, Cultura e Comunicação (ECC).

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir as relações entre a Educação Inclusiva e a complexidade das relações pedagógicas que envolvem o processo escolar dos alunos incluídos no contexto em que vivemos. Junto a esses conceitos, buscou-se, na epistemologia da complexidade de Edgar Morin, o aporte teórico para elucidar o cenário das multiplicidades e do pluralismo de uma sociedade líquida apontados por Zigmunt Bauman.

¹ Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática - UFN. E-mail: jaluarte@gmail.com

² Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática – UFN. E-mail: marcosalves@ufn.edu.br

³ Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática – UFN. E-mail: greicescremin@gmail.com

A motivação em escrever sobre essa temática, decorre das vivências da autora como educadora especial da rede municipal e estadual no Município de Santa Maria, RS, há mais de dez anos em sala de recursos. Nesse período atuando diretamente com os alunos incluídos desde a educação infantil até o ensino médio, realizando o atendimento educacional especializado e auxiliando os professores de forma colaborativa nas adaptações pedagógicas e flexibilização curricular, muitas questões surgem da prática escolar e inquietam os educadores.

Ao realizar a Disciplina de Fundamentos Epistemológicos da Ciência do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMAT) da Universidade Franciscana (UFN), foi possível pensar a inclusão e os percursos pedagógicos envolvidos nesse processo para além do contexto da escola. Baumam (2009) nos mostra que as mudanças na sociedade interferem diretamente nas políticas educacionais, pois a escola se constituiu como uma instituição de controle em que se universalizava os valores utilizados para a integração social.

Todas essas questões passaram a ser vistas de forma mais ampla e relacionadas, por meio das contribuições de Edgar Morin. O autor nos mostra a complexidade da educação, onde os problemas particulares só podem ser pensados no seu contexto, contexto esse que perpassa os muros da escola. É preciso ao invés de dissociar as questões, reunir e integrar, pensar as partes com o todo, que envolvem questões econômicas, políticas, sociológicas, afetivas, enfim, a vida de cada sujeito. “...os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade” (MORIN, 2003, p.11).

A Educação inclusiva, sem mencionar nesse momento a sua evolução terminológica e factual, é uma realidade há mais de uma década, e cada mudança que foi ocorrendo teve seus fins e objetivos dentro de um contexto histórico, político e social.

Dessa forma, propõe-se a pensar nesse artigo algumas questões: Como a educação inclusiva vem se constituindo ao longo do tempo? Ocorreram mudanças nas práticas pedagógicas a fim de torná-las inclusivas? Como a educação inclusiva tem sido pensada nesse contexto de sociedade em que vivemos? Como o estudante com deficiência é percebido nessa complexidade de relações?

Para organizar as ideias neste texto, lançou-se mão de uma abordagem de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico na qual foram analisadas as seguintes obras dos autores citados: Edgar Morin, Zigmunt Bauman, Porcher (2015), Glat e Estef (2021), Almeida (2009) e Ardoino (2010).

O texto está estruturado em dois tópicos sendo que o primeiro trata da Modernidade sólida para a Modernidade Líquida - a educação Inclusiva nesse contexto, analisando esse processo por meio da pesquisa de Porcher (2015) e as reflexões de Bauman.

O segundo tópico discorre acerca do estudante com deficiência nessa complexidade de relações, por meio da pesquisa de GLAT e ESTEF (2021) e das contribuições de Edgar Morin.

2 MODERNIDADE SÓLIDA PARA A MODERNIDADE LÍQUIDA- A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NESSE CONTEXTO

Como nos mostra Almeida (2009), de acordo com o pensamento de Bauman, na modernidade sólida, a educação escolarizada representou um lugar de ordem, uniformização e adestramento, onde o próprio conhecimento não era o mais importante, mas sim, a rotina, obediência e a previsibilidade.

Por tudo isso, a instituição educativa nunca viu com "bons olhos" a presença daqueles indesejáveis estranhos, inevitavelmente produzidos por todo projeto ordenador. Tentou, inclusive, retificá-los e consertá-los, ora torná-los mais eficientes e disciplinados. Nos casos em que a assimilação forçada não obtinha o sucesso desejado, ou esses estranhos eram silenciados ou então expurgados dos muros escolares (vamos pensar aqui na situação dos negros, homossexuais,

doentes mentais, enfim, todas as minorias que destoassem da tradição inventada pelo Estado jardineiro) (ALMEIDA, 2009, p. 49).

Com a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida (ALMEIDA, 2009), a escola enfrenta uma grande crise e passa a “rever” alguns de seus conceitos e começa a aceitar a presença dos “indesejáveis”, configurando o respeito à alteridade como uma importante meta para essa nova visão de educação.

Cada vez mais a alteridade está presente na escola. Alunos com deficiência, com dificuldades de aprendizagem, com altas habilidades, enfim, estudantes de diferentes etnias e culturas, vinculados a um contexto familiar e uma história de vida. Toda essa diversidade emerge na escola, no cotidiano de sala de aula, exigindo do professor a atenção do todo e do individual ao mesmo tempo. Com certeza essa não é uma tarefa fácil, mas ao mesmo tempo mobiliza mudanças nos valores da escola tradicional.

Essa nova função assumida pela escola se afirma ainda mais com o início das ações para uma educação inclusiva na década de 80 e 90, onde se pode observar a proliferação de leis, conferências e a adoção do próprio termo Inclusão (PORCHER, 2015). Em 1994, é publicada a Política Nacional da Educação Especial, que orienta a integração escolar para aqueles alunos que têm condições de se adaptar ao ensino regular. Com a LDB nº 9394/96, prevê a educação especial como uma modalidade de ensino que deve ser ofertada aos alunos com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino. Com a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), as ações para uma escola inclusiva são reafirmadas. *“Se, durante décadas, os alunos com deficiência foram atendidos em instituições e escolas especiais, atualmente a lógica é inversa. Em decorrência de uma política de educação inclusiva, todos devem estar na escola regular, nomeada agora como inclusiva”* (PORCHER, 2015, p. 60).

A partir do momento que o aluno passa a ser incluído na escola, há um grande movimento para divulgar esse processo em artigos, matérias publicadas em

revistas e inclusive a inclusão como tema de novelas. Junto a esse movimento, se ampliam as discussões de como esse processo tem ocorrido, inclusão/exclusão fazendo referência se a escola está preparada para esse processo. Percebe-se então que há um imperativo para incluir (Porcher, 2015), e por conseguinte, mais uma vez, normalizar a todos. Talvez isso faça sentido quando Bauman aponta as dificuldades na prática moderno-líquida. *“A estranheza, na medida em que vira rotina, deixa de ser uma percepção do outro lado da existência, um desafio ao aqui e agora, um ponto de observação favorável à utopia.* (ALMEIDA, 2009, P.52). Dessa forma, é preciso pensar muito bem as práticas pedagógicas, para que em nome de uma inclusão a todo custo, não venhamos a excluir incluindo, pois *“a solidariedade, com muita frequência, está se reduzindo à fórmula tolerante do “viva e deixe viver”, degenerando em isolamento* (ALMEIDA, 2009, P.53), resultando em possíveis práticas sem engajamento e comprometimento mútuo, sem discussão do que realmente se está fazendo.

O conhecimento universal antes transmitido pela escola na modernidade sólida, também é resinificado. De um horizonte de longa duração, tinha como finalidade formar cidadãos para toda a vida. *“A educação escolarizada foi, assim, visualizada como uma atividade voltada para a entrega de um produto, que, como qualquer outra posse, poderia ser consumido hoje e sempre”* (ALMEIDA, 2009 P.64). A educação era organizada como se fosse um produto elaborado sob medida, sem abertura ao novo, ao inesperado. Ao passarmos de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida, a flexibilidade ganha ênfase e o conhecimento é transformado em informação, que se atualiza e se desatualiza rapidamente. A escola nesse contexto de mudanças, precisa então assumir uma nova postura:

A tese de Bauman (2000b, 2001b, 2002c, 2007a) é a de que do lado de fora" das escolas cresceu diferente do tipo de mundo para o qual as escolas estavam preparadas a educar nossos alunos. Em tais circunstâncias, preparar para toda a vida, essa invariável e perene tarefa da educação na modernidade sólida, vai adquirir um novo significado diante das atuais circunstâncias sociais (ALMEIDA, 2009, P. 65)

A formação para o mundo do trabalho, exige novos comportamentos e habilidades, que uma educação à moda antiga e para toda a vida, não tem mais espaço. *“Seguir a rotina não é mais um bom conselho. Flexibilidade é a palavra da moda: a habilidade de abandonar hábitos do presente com rapidez torna-se ainda mais importante do que a aprendizagem de novos hábitos”* (ALMEIDA, 2009 P. 66,67).

As regras de mercado, implicam que as próprias tarefas de aprendizagem, estão mais acessíveis e ao alcance daqueles que podem e tem condições de pagar por isso, fazendo com que o próprio fracasso ou sucesso passe a ser com mais ênfase uma responsabilidade individual de cada um. Assim, Bauman, aponta para a necessidade da reconstrução de um espaço público de diálogo, que permita uma educação voltada para a cidadania. *“Para ele, o imperativo mais importante da atual configuração do discurso da educação para toda a vida é “tornar esse mundo em rápida mudança mais hospitaleiro para a humanidade”.* (ALMEIDA, 2009, P.73).

As considerações de Bauman (2009), remetem para reflexão de como todas essas mudanças implicam nas relações sociais que passam a ser estabelecidas e que repercutem também no cotidiano escolar. Nesse tempo em que vivemos, a alegria está em “descartar”. *“Presume-se que as coisas e as relações são úteis apenas por um “tempo fixo” e são reduzidas a farrapos ou eliminadas uma vez que se tornam inúteis* (BAUMAN, 2009, p. 663). Assim, a escola tem vários desafios: o conhecimento passa a ser produzido para um consumo imediato, não há mais um destino certo a chegar, para tanto o professor precisa abandonar os modelos bem estruturados de ensino e adotar processo formativos mais abertos. Como um “míssil balístico”, é preciso preparar o aluno para mudar de rota, para tomar decisões e mudar o trajeto se preciso. *“Os mísseis inteligentes, portanto, diferentemente dos velhos artefatos balísticos, aprendem no ar. Assim, devem ser inicialmente dotados da capacidade de aprender e de aprender de modo rápido”* (BAUMAN, 2009, p. 672).

Diante de todas essas evidências, no mundo mutável que estamos vivendo, são pertinentes as reflexões acerca de como os processos educativos inclusivos tem se configurado na prática. Parece que a rapidez das mudanças atropela e normaliza o que precisa ser constantemente pensado e avaliado. Como os alunos incluídos estão inseridos nesse processo? Há tempo na escola para se pensar como estão aprendendo e de que forma estão se constituindo como sujeitos para uma sociedade que ao mesmo tempo que se tornou mais receptiva, é competitiva e individualista e parecer não esperar o tempo de cada um.

No mundo mutável da modernidade líquida, onde dificilmente as figuras conseguem manter a sua forma por tempo suficiente para dar confiança e solidificar-se de modo a oferecer garantia a longo prazo (em cada caso, não é possível dizer quando e se se solidificarão e com que pequena probabilidade, no caso de isso ocorrer), caminhar é melhor do que ficar sentado, correr é melhor que caminhar e surfar é melhor que correr (BAUMAN, 2009, p.664).

Dessa forma, é importante pensarmos como a escola irá preparar alunos para essa realidade de incertezas, mudanças contínuas, onde somos levados a tomar decisões, fazer escolhas a todo momento. E a pessoa com deficiência nesse contexto de sociedade em que vivemos? Conseguirá acompanhar o ritmo de competitividade e produção ditado pelo mercado de consumo? Nesse cenário a escola pode se constituir como um importante espaço para o fortalecimento de relações humanas, que ao invés de acentuar a individualidade e a competitividade, incentiva a cooperação, o respeito e a cidadania e acima de tudo a valorização do que cada um carrega de humano.

3. O ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA NESSA COMPLEXIDADE DE RELAÇÕES

A produção de pesquisas sobre a inclusão escolar é vasta, porém, há poucos estudos que investiguem de forma mais aprofundada os efeitos dos processos de inclusão, na constituição da identidade e no cotidiano das pessoas com deficiência

principalmente, os indivíduos com deficiência intelectual (DI). Em uma pesquisa realizada por (GLAT e ESTEF, 2021), com 30 jovens e adultos com DI, foi verificado que grande parte dessas pessoas apresentou uma trajetória marcada por contínuo fracasso escolar e por consequência mudanças de escolas, retornando muitas vezes para a instituição especializada, ou até mesmo abandono dos estudos. Várias questões foram apontadas pelas pesquisadoras oferecendo suporte para serem reconfiguradas as práticas escolares inclusivas.

Apesar das legislações e diretrizes educacionais, grande parte das escolas ainda não apresenta uma mudança de suas práticas que possibilite a aprendizagem, participação e efetiva inclusão dos alunos. *“Desse modo, o aluno está inserido na turma comum, mas não participa efetivamente dos processos de ensino e de aprendizagem. Ele fica à margem da programação desenvolvida por seus colegas, com atividades descontextualizadas em relação à proposta curricular.* (GLAT e ESTEF, 2021, P. 161).

Este estudo nos mostra a complexidade do processo de ensino, e o quanto o fazer pedagógico precisa ser constantemente avaliado, repensado, criando espaços de diálogo na escola, oportunizando que os próprios estudantes falem sobre suas dúvidas, anseios, necessidades.

Além da questão das adaptações e flexibilizações curriculares para atender os estudantes, o estudo aponta uma questão muito importante, a postura do professor:

Esses dados indicam que, independentemente de condições intrínsecas, a atuação docente é fator decisivo na aprendizagem. Indo mais além, a postura do professor e sua convicção sobre as possibilidades ou descrença no potencial de desenvolvimento do aluno determinará em grande parte seu encaminhamento pedagógico. (GLAT e ESTEF, 2021, P. 161).

Esse dado revelado na pesquisa é muito importante, pois mostra também que educar é uma tarefa complexa, conjunta, construída nas relações humanas, nas

interações entre professor/aluno, nas trocas de experiências, pois somos seres sociais, afetivos, culturais, biológicos e acima de tudo complexos:

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, totalmente culturais (MORIN, 2003, P. 40)

A teoria da Complexidade, desenvolvida por Edgar Morin, traz contribuições para pensarmos os processos inclusivos pelo fato de que possibilita identificar conceitos e relações que auxiliam na compreensão das diversidades inerentes a tais processos. Nesse sentido, a complexidade permite se adotar uma visão ampla e sistêmica dos processos educacionais.

[...] o Pensamento Complexo exige a aceitação da diferença, o reconhecimento da pluralidade, da diversidade, das diferentes leituras de mundo, das diversas linguagens com as quais os indivíduos interpretam os fenômenos constitutivos de sua realidade. Disto se deduz que a atenção à diversidade não é apenas uma questão de adaptação ou preocupação com a normalidade curricular, mas, sim, um processo de inclusão e de transformação da realidade (MORAES, 2010, p. 9).

Para Morin (2006), o conceito de complexus é aquilo que é tecido junto, ou seja, todo sistema é uma unidade de natureza complexa, uma totalidade constituída por partes, em que cada parte possui identidade própria e uma dinâmica que lhe é característica, sendo diferente, portanto da dinâmica do todo.

Dessa forma, a educação visa ao desenvolvimento do sujeito, à constituição do sujeito, mas também prossegue nos objetivos relacionados à sua função social. A atuação educativa vai, assim, para além da instrução, ela atua na transmissão e constituição de valores. Por outro lado, muitas vezes, a organização escolar acaba

por homogeneizar e programar rotinas a serem desenvolvidas por todos. Nesse contexto, a complexidade pode ser considerada como uma profunda reforma do pensamento (ARDOINO, 2010).

A escola tem como função primordial a construção da aprendizagem, mas não podemos esquecer que para todos os estudantes, tendo estes uma deficiência ou não, a escola se configura como um dos principais espaços de socialização, de relacionamento, de trocas de experiências e construção de valores. Não somos seres isolados, fragmentados, mas sim interdependentes. *A concepção complexa do gênero humano comporta a tríade indivíduo/sociedade/espécie.* (MORIN, 2000 P.105). Precisamos desse entendimento para compreender que tudo que acontece ao nosso redor, no nosso meio, no ambiente e na sociedade em que vivemos também é consequência das nossas ações individuais. Dessa forma, construir uma escola inclusiva, uma sociedade mais humana, depende de cada um de nós e da nossa forma de agir com o outro em todos os espaços em que vivemos.

Considerações finais

Este artigo apresentou um recorte da evolução das concepções da educação inclusiva, analisando esse processo diante das mudanças sociais ocorridas na passagem de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida. Os percursos educacionais e práticas educativas implantadas nas escolas, não são processos neutros, mas sim reflexo de uma política e realidade social. Procurou-se demonstrar sob o olhar de Bauman que a liquidez que vivemos hoje também reflete na escola e precisamos estar atentos para nossas práticas não tornarem-se automatizadas, homogeneizadas, pouco refletidas, pois nosso tempo é escasso, as informações são muitas, o conhecimento é provisório. É preciso pensar a inclusão educacional de forma ampla, dando voz aos sujeitos, aos estudantes com e sem deficiência. As práticas pedagógicas precisam também ser modificadas para serem acessíveis e promoverem a aprendizagem de todos os estudantes. Temos uma vasta legislação,

mas a operacionalização dessas normativas acontece cotidianamente, na relação entre professor aluno, na complexidade de relações humanas que pode ser construída e fortalecida na escola. Nesse processo, como nos alerta Morin (2000), precisamos lembrar da nossa condição humana e da nossa “co-produção” com o meio ambiente, com a sociedade, sendo responsáveis por nossas atitudes individuais para construção de relações mais solidárias, pois todos nós partimos para um destino comum.

Referências

ALMEIDA, Felipe de Quintão Et Al. Bauman & a Educação. Coleção Pensadores. Belo Horizonte, 2009.

ARDOINO, J. A complexidade. In: MORIN, E. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Trad. Flávia Nascimento. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BAUMAN, Zygmunt: **Entrevista sobre a educação**. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137, maio/ago. 2009.

CHERER, Renata Porcher. **“Cada um aprende de um jeito”**. Das adaptações às flexibilizações curriculares. Dissertação (mestrado) Universidade do vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós Graduação em Educação, 2015.

GLAT, Rosana e ESTEF, Suzanli. **Experiências e Vivências de Escolarização de Alunos com Deficiência Intelectual**. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.27, e0184, p.157-170, Jan.-Dez., 2021.

MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e currículo**: por uma nova relação. Polis Revista Latino-americana 25 | 2010.



MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. - 8ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis. Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.